O CICLO DO VIANDANTE
Xavier Zarco
virtual books .com.br

O CICLO DO VIANDANTE

(Poesia)

O AUTOR

Xavier Zarco, pseudónimo literário de Pedro Manuel Martins Baptista que nasceu a 4 de Outubro de 1968 em Coimbra (Portugal).

Publicou "*O Livro dos Murmúrios*" (livro, Palimage Editores, Portugal, 1998), "*No Rumor das Águas*" (e-book, Virtualbooks, Brasil, 2001), "*Acordes de Azul*" (e-book, Virtualbooks, Brasil, 2002), "*Palavras no Vento*" (e-book, Virtualbooks, Brasil, 2003), "*In Memoriam de John Lee Hooker*" (e-book, Virtualbooks, Brasil, 2003), "*Ordálio*" (e-book, Virtualbooks, Brasil, 2004) e *"O Guardador das Águas"*, *Prémio de Poesia Vitor Matos e Sá – 2004*, organizado pelo Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (livro, Mar da Palavra, Portugal, 2005).

Poemas seus foram editados em diversos jornais, revistas e antologias de Poesia, para além de estar representado em inúmeros sites na Internet.

É membro efectivo (cadeira n.º 99) da A.V.B.L. - Academia Virtual Brasileira de Letras.

Em 2004, viu o seu poema "*Hino a Santa Clara*" ganhar o Concurso para a Letra do Hino da Junta de Freguesia de Santa Clara.

Os seus livros, ainda originais, "*Monte Maior Sobre o Mondego*", "*O Fogo A Cinza*" e "*O Livro do Regresso*" foram agraciados com uma Menção Honrosa (Poesia) no Prémio Literário Afonso Duarte - 2004 da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, o Prémio de Poesia do VII Concurso Literário Manuel Maria Barbosa du Bocage – 2005 da LASA – Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão e o Prémio de Poesia Raúl de Carvalho – 2004/2005 da Câmara Municipal do Alvito, respectivamente.

I

o mestre
disse:

dar-te-ei
a matéria

estas palavras

não o acto
de criar

II

há algo
aqui

na epiderme
dos sonhos

que clama

que te invoca
para a viagem

um longínquo ouro
que brilha
no centro da alma

no ventre
do olhar aberto

desperto
ao espanto

III

o corpo
como casulo
onde a larva

aprende

o desejo
das asas

IV

o aprendiz
repousa

a secreta
cartografia
das mãos
arde
intensa
indicando
o caminho

a empresa
da criação

V

observa
a espiral

o movimento
eterno

a indagação
do íntimo
centro

exposto

à suprema
luz

observa
como os sentidos
se incendeiam
ao tocar
a face

do próprio ser

VI

o que procuras

não é mais
que um tronco
ou pedra

viagem
onde
esculpirás

a montanha
de zaratrusta

o sol
de ícaro

a tua montanha
o teu sol

VII

a música
das palavras
expõe-se

íntima

ao olhar
das estrelas

como se asas
tivesse
e ensejo
possuísse

de enlaçar
a luz

de abraçar
o cosmos

VIII

aberta
a porta

há que entrar

e alar
a palavra
de ritmo

trepar
pela música

até sentir
longe
as telhas

e ser luz
de estrelas

no parto
do próprio
poema

IX

aberto
o livro
à demanda
dos sentidos

cada sílaba
é o despertar
de um acto
de percepção
por sobre
o enlace
da música

ou do reavivar
da memória
intemporal

X

abrupta
seria
a queda

se o ensejo
fosse
voar

mas de asas
se reveste
o medo

e o silêncio
domina

e preenche
as noites
e os dias

como se a arte
do voo
fosse

somente

o esboço
da queda

não a suprema
ascensão
do etéreo
corpo
que em ti
guardas

XI

acender
um cigarro

é acordar
memórias
antigas

adormecidas

em secretos
recantos

do olvido

XII

acorda
e sente
o peso
da matéria

cada instante
é efémero

candeia
silente
e inominada

que se resguarda
de indiscretos
olhares

de candentes
signos

iluminados
de dentro

XIII

acordara
o senhor
do tempo

iluminado
de dentro

ardia
no acto
de criar

erguer
do caos
o nada

a ordenação
do respirar
contido
das galáxias

XIV

alheia

a noite
despe-se
desnuda-se

e partes
à descoberta
de recantos
e murmúrios
ancestrais

a noite
simples
estende-se

preenche
os gestos

acaricia
a memória

pedra
que espera
que lhe indaguem
o corpo
oculto

seu rosto
verdadeiro

XV

alinhava

estrelas
cometas
planetas

sobre o pano
do céu
em teu olhar

para que a noite
desfilasse
em esplendor

e o regresso
se desenhasse

o teu regresso
a esta fonte

a esta fonte
onde bebo
cada palavra

cada poema

XVI

ardem
palavras

rente
à boca

XVII

aprende
a prece
junto
a este rio

entre margens
o supremo
sussurro
das águas

sente

eis a prece
o regresso

XVIII

ardente
seria
o verbo
primordial

anunciada
queda

rumo
ao acto
de saber

de indagar
de conhecer

XIX

agora
que se encerra
o ciclo

aguarda

algures
uma luz
surgirá

ponto
de partida
para outra
demanda

para outros
sentidos
e palavras
inaugurais

XX

a música

sempre esta música
invadindo os sentidos
aproximando-me de ti

de teu corpo

que invado
e onde me perco
até que um dia

sonho

me fundirei
para sermos um

mais do que a soma de nós mesmos
iguais à própria essência
do todo universal

XXI

agora

que o livro
do olhar
se fecha

abre
o corpo
ao mundo

enseja
o cântico

das estrelas

traça
o rumo

e vai
com os cometas
errantes